

## O vai-e-vem, o volta-e-vai

Dois lares, duas estruturas, duas possibilidades de destino a cada fim de dia. Durante mais de um ano, alternávamos um dia na casa da Karla, outro em meu apartamento. Uma verdadeira maratona de vai-e-vem, volta-e-vai. Os inconvenientes eram muitos, mas irrelevantes quando comparados ao prazer de estar ao lado dela.

Quando a mudança era daqui pra lá, eu já levava a mala organizadinha. Na casa de meu Bicho, nem pêlo ficava fora do lugar. Nunca tinha visto tanta funcionalidade, perfeição e capricho reunidos num só ambiente. A cozinha parecia uma loja de meia dúzia. Tudo limpinho e arrumadinho como se vê nas vitrines: meia dúzia de copos, pratos, garfos, potes, xícaras. Meia dúzia de tudo. Ok, alguns poucos itens eram únicos, a exemplo da jarra, do bule e da concha de sopa.

No início, tinha um pouco de medo, quase pânico, de mexer nas coisas e não saber onde nem como recolocá-las. Aos poucos, por tentativa e erro, percebi que poderia ser um pouco mais organizada, e que meu Bicho tinha alguma tolerância a minhas limitações.

Um dia, pensei tê-la pego no pulo: no degrau da escada estavam um par de sapatos, uma sacola de supermercado, um copo d'água e uma pilha de livros.

“Bicho, o que essas bagunças estão fazendo no meio da escada?!”

“Esperando que você suba e se manque de levar uma parte.”

Tomou?

Método é tudo na vida da Karla com K. Ela age de acordo com os preceitos ensinados por minha sogra. Seus movimentos são friamente calculados para economizar tempo, evitar repetições e para tocar em cada objeto uma única vez, dando a ele o destino final.

Com isso em mente, simule Karla com K guardando as compras do mês... Duvido que você tenha conseguido. Eu já tentei imitá-la. Mesmo tendo observado a operação diversas vezes, é sempre: cinco itens guardados, pããã!... toquei duas vezes na lata de creme de leite. Quatro itens depois, pããã!... tive que abrir a geladeira de novo. E o pããã! não pára.

Quando a mudança era de lá pra cá, eu me sentia jogando em casa (literalmente). Esforçava-me para muquiara os excessos de bagunça, e sobre o restante alegava excêntrica.

As mudanças eram diárias. Um transtorno para nós e um sofrimento para os respectivos bichos de estimação, que – dia sim, dia não – acabavam privados de nossa presença.

Em meu caso, um *schnauzer* macho, quase senil; no caso da Karla, uma *boxer* fêmea recém-saída da puberdade.

Eles sofriam por nossa ausência constante. Para minimizar o drama, tentamos algumas aproximações para incluí-los na bagagem, possibilitando assim a extensão do período de permanência em cada casa, mas não fomos bem-sucedidas nos intentos.

Além de incompatíveis no tamanho, criação e maturidade, seus temperamentos eram absolutamente opostos: a Aretha era a cópia fidedigna de sua dona – impetuosa, estabanada, inteligente e inocentemente feroz. Os passeios diários eram verdadeiros duelos de cabo-de-guerra: de um lado ela, do outro uma de nós. A Aretha desenvolvia táticas cada vez mais aprimoradas para nos vencer. Ela fingia estar entretida com o cheiro do xixi do cachorro do vizinho e, de repente, arrancava em direção à pombinha branca: 1 x 0.

Após uma bronca, vários solavancos e alguns minutos de castigo sentada na calçada, ela parecia arrependida. Evitava olhar para os lados e seguia cabisbaixa. A duração do efeito positivo da repreensão, no entanto, estava condicionada à época do ano. Explico: no inverno, na primavera e no verão, a calma se mantinha em média por três minutos; no outono, durava até a folha seguinte se desprender da próxima árvore.

Apesar de conhecer todos os pontos críticos do passeio (o *poodle* da casa rosa, o pastor alemão do Sr. Fritz, o *bull terrier* pirata do *pitboy* e a *pinscher* da senhora mal-humorada), sempre aparecia um elemento-surpresa: dois meninos entregando panfletos, um casal fazendo *jogging*, o motoqueiro desavisado; enfim, o passeio terminava e o placar nunca era inferior a 9 x 0, por mais que eu me

preparasse. Já o Bicho voltava do passeio cantando de galo: “Hoje foi só 5 x 0.”

Certa vez, a Aretha me venceu por W.O. Tudo parecia calmo quando, de repente, uma barata! Nesse caso, e só nesse único caso, isso ocorreu. Ela correu atrás da barata sem que eu oferecesse resistência nenhuma; muito pelo contrário, soltei a guia e corri em direção à calçada oposta: “Vai, Aretha, mata!”

Proporcional à semelhança Karla-Aretha era a diferença Patricia-Oliver. Ele era ranzinza, rabugento, irritadiço e ligeiramente apegado ao ócio. Quando saía para passear, raramente olhava para os lados. Passava quase que indiferente a tudo, no máximo rosnava, de maneira impetuosa, se afrontado. A única semelhança entre nós era essa: apesar do tamanho, nosso rosnado impunha respeito.

Assim como precisei submeter meu Bicho ao CUCOSOPAPYA, nós precisávamos submetê-los ao CUCOSOPACÃES. E assim foi: internamos os dois pupilos num canil especializado e 15 dias depois fomos apanhá-los. A eficiência do método se comprovou: saíram de lá convivendo. Não se amavam, mas coexistiam de maneira pacífica, respeitavam-se sem que nenhum deles abrisse mão de seu princípio ideológico. O diálogo é o melhor caminho ao entendimento.

Voltamos para casa, desta vez os quatro no mesmo carro. A Aretha, excitadíssima, babava e pulava sem parar. Como chovia, os vidros estavam fechados e embaçaram em menos de cinco minutos. O Oliver, junto com a Aretha no banco de trás, era esmagado pela euforia da cadela ensandecida. Achei conveniente colocá-lo no banco da

frente e pular pro de trás. Enciumado com as lambidas frenéticas que a Aretha dava em meu rosto, ele rosnou daquele jeito e ela rosnou de volta. Ai, meu Deus!... dentro do carro fechado, na auto-estrada, vai dar bosta!

“Calma, Bicho!”

“Eu tô calma!”

Acabou que não deu. Seguimos com o Oliver sendo esmagado, a Aretha babando, e nós concentradas na abstração dos percalços momentâneos vislumbrando as vantagens da vida a quatro.

Desde então, nossas mudanças se tornaram menos frequentes: uma semana lá no sobrado da Lapa, outra aqui.

Nossa vida realmente melhorou bastante quando passamos a mudar de casa apenas uma vez por semana. Nessa fase, com os cães se dando relativamente bem, e com os itens de necessidade básica duplicados e disponíveis, tínhamos uma rotina quase tranqüila. Duro mesmo tinha sido o período anterior...

Para dar as boas-vindas à Patricia, tentei equipar minha casa com as coisas que tinha visto na dela, começando pelo banheiro. Até então, em meu box havia um shampoo, um condicionador, uma bucha e um sabonete. De imediato, acrescentei um sabonete infantil (ela só usa sabonete infantil em barra), um sabonete para o rosto (que me deu um trabalhão pra encontrar), um sabonete líquido (também infantil), um óleo pós-banho, uma outra bucha, um kit de shampoo e condicionador acompanhado de desembaraçador de fios e máscara revitalizante, um esfoliante corporal e uma lixa de pé. Meu box media meio

metro quadrado; quando passou a abrigar todos aqueles pertences, ficou tão mais aconchegante!

Sobre a pia as mudanças foram suaves: apenas mais uma escova, mais uma pasta e mais um fio dental (é claro que, só pra facilitar, usávamos marcas diferentes de tudo!). Ao gabinete, minúsculo, adicionei: discos de algodão e adstringente, esfoliante facial, regulador de oleosidade, secante em bastão, em tubo e em lápis, elásticos, grampos, pente, escova, suas marcas favoritas de absorvente externo e interno, hidratante, talco, colônia de verão e perfume. Fora esses detalhes, a única coisa que mudou no banheiro foi a altura do espelho, que teve que ser diminuída uns 30 centímetros – para que ela não precisasse usar saltos pra se enxergar.

Mas as principais mudanças nem foram no aspecto físico da casa, porque eu achava de um romantismo incrível ter roupas dela em meu armário, seus instrumentos e livros de estudo na estante da sala, suas guloseimas favoritas na despensa, seu carro em frente ao portão. Mesmo quando sua presença se manifestava no rolo de papel higiênico terminado e não-substituído, quando a lata de Coca passava a noite sobre a mesinha da sala, quando eu descia pra fazer café e no último degrau da escada tropeçava num pé de tênis, e até mesmo encontrando as chaves do carro dela em cima do fogão, continuava me divertindo com nossas diferenças, recolhia e arrumava tudo, fazia um sermão terminado em beijo e saía pra trabalhar toda feliz. (Minha irmã diz que nunca me imaginou tão Amélia!)

Difícil mesmo foi me acostumar a certos hábitos novos. Todas as manhãs, tínhamos que combinar onde dormiríamos naquela noite. Entre levantar da cama e

estar realmente acordada e lúcida, a Patricia precisa de umas duas horas. Manda a prudência que tudo o que for decidido com ela nesse intervalo seja confirmado mais tarde, quando os outros 80% de sua capacidade intelectual estiverem disponíveis e operantes. Mas eu só descobri isso algum tempo depois, quando já tinha umas três ou quatro vezes ido para um destino enquanto ela me esperava em outro. E mesmo o processo de verificação vespertina não garantia muita coisa: às vezes surgia um programa noturno e a roupa que ela fazia questão de usar estava na casa oposta, ou uma mudança brusca de temperatura me obrigava a sair do trabalho, em Pinheiros, pegar uma roupa quente em casa, na Lapa, e ir dormir com ela no apartamento a 26 km de distância. Valia a pena todas as vezes.